



**Práticas de
desaprender,
sair e não entrar:**

planejamentos fugitivos,
histórias potenciais,
futuros ancestrais

CICLO DE LEITURAS 9 de set — 7 de out

Práticas de desaprender, sair e não entrar:

planejamentos fugitivos,
histórias potenciais,
futuros ancestrais

Este ciclo de leituras reúne textos que nos desafiam com as práticas do desaprender. Como sair e não entrar na catástrofe ancestral que intoxica as existências no imperialismo e no liberalismo tardio? Planejamentos fugitivos, histórias potenciais, futuros ancestrais, desvios, recusas, metamorfoses e reparações são alguns dos caminhos apontados por **Elizabeth Povinelli**, **Ariella Aisha Azoulay**, **Ellen Lima Wassu**, **Fred Moten** e **Stefano Harvey**, **Jota Mombaça**, **Castiel Vitorino Brasileiro** e **Ailton Krenak**. Quais os atos de imaginação que podem nos despertar para a lembrança de que a vida e a política podem ser diferentes? Que práticas especulativas podem operar movimentos generativos de outros modos de existir? Neste ciclo de leituras, propomos uma aproximação com algumas práticas de desvio, recusa e reparação que mobilizam ficções potencializadoras de outros mundos. O que elas convocam, quem sabe, pode apontar caminhos de experimentação em torno de um trabalho continuado de imaginação de outros modos de existência.

No livro *Catástrofe ancestral: existências no liberalismo tardio*, **Elizabeth Povinelli** nos convoca a mobilizar os múltiplos entrelaçamentos sociopolíticos globais, partindo de uma investigação sobre as condições que conformam a matriz determinante desses entrelaçamentos, desde que os navios europeus começaram a cruzar os oceanos em busca de riquezas. Essa matriz, que determina quais deslocamentos são permitidos para certas pessoas, como e em que direção a riqueza se desloca, e a maneira pela qual as toxicidades e os danos são distribuídos, configura uma história específica que poderia ter transcorrido de outra maneira. Seu legado e, portanto, aquilo que o mundo é, poderiam ser diferentes. Para fazer esse mundo, Povinelli propõe que é preciso começar pelas condições sedimentadas, segundo as quais aquilo que partilhamos são as diferentes relações com a história colonial como uma presença condicionante.

Em *História potencial*, **Ariella Aisha Azoulay** nos convida a desenterrar o que vive no presente, nos escombros do desastre, a fim de, assim, reduzir a história imperial apenas a uma história plausível entre outras possíveis. Desaprender para recomeçar, rebobinar, reparar. Praticar a existência de algo a ser construído, recuperado, um mundo que sempre esteve aqui, por baixo da violência colonial. Não se trata de indagar quem virá depois do "Homem", mas, sim, de estudar como sair do mundo dominado por "ele". E não é apenas uma questão de sair, mas, também, se como não entrar. Ou seja, como sujeitos previamente-

te minorizados podem rejeitar, recusar os acordos propostos, recusar o que lhes foi recusado. Como sair e não entrar nos lugares atribuídos não é uma questão de encontrar novos lugares, mas de reviver ações suprimidas pelo “Homem” e seu domínio imperial, continuando a praticar a oposição a “ele”, recusando os termos que “ele” propõe. Evitar o movimento imperial implacável requer uma recusa em tomar parte do progresso, para reivindicar exercer o direito básico de ser capaz de compartilhar o mundo.

Em *Um livro de terra*, **Ellen Lima Wassu** mobiliza uma poética que nos convoca a desaprender o que sabemos de nós mesmos, do mundo ocidental que nos cerca. Ou, como aponta Micheline Verunschik no prefácio do livro, desaprender para aprender de novo, de outra maneira. Assim, na poesia de Wassu, a poética do desaprender é também uma pedagogia do desaprender, que acorda canções ancestrais e escreve os livros que deveríamos ter lido.

Em *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro*, **Fred Moten e Stefano Harney** defendem o estudo em movimento, tomando-o como prática especulativa nos sobcomuns, definidos por eles como um tipo de comportamento ou experimento contínuo com e no antagonismo geral. Estar junto no desamparo, recusando aquilo que foi recusado, e nessa recusa remoldar o desejo, reorientar a esperança, reimaginar a possibilidade de fazer, como se estivéssemos entrando várias e várias vezes no mundo quebrado, experimentando modos de estar juntos nos destroços. Para Moten e Harvey, os sobcomuns não são um lugar, mas, sim, uma relação, um deslocamento, o ensaio de um certo tipo de deslocamento, que mobiliza a recusa como gesto de autodefesa. Uma recusa dissidente é o que caracteriza as práticas anticoloniais e quilombistas de autodefesa dos sobcomuns, não somente aquelas tradicionalmente constituídas, mas, também, as que ainda nem foram imaginadas, e que serão germinadas em meio a novas situações de violência que se coloquem diante dos sobcomuns. Movimentos generativos de experimentação de outras formas de existir.

Em *Não vão nos matar agora*, **Jota Mombaça** rejeita o modo como as coisas são e conjura uma presença que seja capaz de refazer o mundo. Assim, propõe o exercício da autodefesa como um estudo sobre as coreografias da violência que aponta para modos de intervir nelas. Algo que desestabilize o design global da violência, investindo em modalidades de cuidado político comprometidas com uma ética que pensa a justiça como entidade mutante, contextual e provisória. Nesse âmbito, importa liberar o poder das ficções do domínio totalizante das ficções de poder, o que requer um trabalho continuado de imaginação do mundo e das formas de conhecê-lo que nos tornem capazes de conceber resistências que sigam deformando os modos do poder através do tempo. Mombaça também nos convida a ocupar o espaço generativo do futuro com ficções potencializadoras de outras formas de existência, corporalidade, coletividade e luta que interajam de modo denso e concreto com o real, produzindo-o em direções desviantes dos projetos normatizados de mundo.

Tomando as vidas terráqueas como verdades líquidas, em *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*, **Castiel Vitorino Brasileiro** pensa sobre a diferença não como uma questão de equivalência, mas, sim, como discrepância radical. Observando a vida das plantas, e como elas desarticulam as ideias modernas de ser, família e parentalidade, pondera sobre o exercício do benzimento como uma prática de culto às metamorfoses.

Em *Futuro ancestral*, **Ailton Krenak** nos desafia a imaginar cartografias, camadas de mundo nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação. Seguindo aqueles que agora decidem ocupar os antigos territórios de suas narrativas, povos que tem recriado lugares habitáveis, mundos possíveis. Se o colonialismo nos causou um dano irreparável ao afirmar que somos todos iguais, agora é hora de desmentir isso, transfigurando os mundos em metamorfose que são o nosso ambiente. O futuro ancestral é isso que sempre esteve aí, como o mais próximo de nós no passado, o que está agora e o que estará depois. Em "Saudações aos rios", Krenak nos convoca: "sejamos água, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos". Alianças afetivas como essas pressupõem afetos entre mundos não iguais.

sessão 1 • 09 de setembro

Povinelli, Elizabeth. *Catástrofe ancestral: existências no liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Ler: Prefácio à edição brasileira, Prefácio e introdução até a p. 20, fim do primeiro parágrafo. **p. 8-20**. 12p.

Capítulo 1, "Os quatro axiomas da existência", **p. 36-51**. 15p.

Leitura complementar:

Capítulo 2: "A toxicidade do liberalismo tardio", **p. 70-97**. 27p.

sessão 2 • 16 de setembro

Azoulay, Ariella Aisha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. São Paulo: Ubu Editora: 2024.

Ler: Capítulo 1, "Desaprender o imperialismo", **p. 35-55**. 20p.

Capítulo 2, "História potencial: sem as ferramentas do senhor, sem ferramenta nenhuma", **p. 90-113**. 23p.

Wassu, Ellen Lima. *Um livro de terra*. Barreiro, Cotia: Editora Urutau, 2023.

Ler: "Prefácio. Poética do desaprender", por Micheliny Werunschik, **p. 11-13**.

Poemas sugeridos: **p. 32, 35, 38, 39, 40, 53, 54, 63, 64, 70, 71, 76, 77, 81, 83, 107**,

sessão 3 • 23 de setembro

Moten, Fred; Harney, Stefano. *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Ler: Capítulo 2, "A universidade e os sobcomuns", p. 26-34. 8p.

Capítulo 7: "O antagonismo geral: uma entrevista com Stevphen Shukaitis", p. 116-137. 21p.

Leitura complementar:

"Posfácio. Ou (os que "combinamos de não morrer")", escrito por Denise Ferreira da Silva, p. 189-202. 13p.

sessão 4 • 30 de setembro

Mombaça, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Ler: Capítulo 3: "Rumo a uma redistribuição desobediente e anticolonial da violência", p. 63-83. 20p.

Capítulo 9: "O nascimento de Urana", p. 117-130. 13p.

sessão 5 • 07 de outubro

Brasileiro, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições, Editora Hedra, 2022.

Ler: "Os elementos da vida: a negritude não é a única promessa", p. 31-46. 13p.

Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Ler:

"Saudações aos rios", p. 09-27. 18p.

"Cartografias para depois do fim", p. 29-43. 14p.

"Alianças afetivas", p. 73-90. 17p.

mais informações

Datas | 5 sessões, sempre às segundas-feiras: 09, 16, 23 e 30 de setembro; 7 de outubro de 2024.

Horários | 19:00-21:30 (Brasília)

Inscrições | humusidades@gmail.com

Serão disponibilizadas as gravações em vídeo e áudio de cada sessão para os participantes assistirem pelo prazo de **3 meses após o término do ciclo**.

contribuições sugeridas

opção 1 | abundante*

no Brasil: R\$400
na Europa: 70€

*a modalidade de contribuição abundante viabiliza a oferta de algumas **bolsas de estudo** para participantes.

opção 2 | sustentável

no Brasil: R\$300
na Europa: 50€

POLÍTICA DE BOLSAS

Há bolsas integrais e parciais disponíveis para esta atividade, que são distribuídas entre interessades com base em critérios sócio-econômicos. Para se candidatar às bolsas deste ciclo, basta realizar a inscrição pelo formulário: <https://forms.gle/YjYEvxsFHehS4MRT7>

opção 3 | solidária

no Brasil: R\$200
na Europa: 40€

dados para contribuição*

chave pix: humusidades@gmail.com

Banco do Brasil
Agência: 3254-9
Conta-corrente: 20673-3
Titular: Ísis Helena Daou Robalinho de Azevedo

*para contribuições **fora do Brasil**, solicite por email o link de pagamento no PayPal ou os dados para transferência via Wise.

Sobre o programa de estudos independentes em humusidades

"Somos compostagem, não pós-humanos; habitamos as humusidades, não as humanidades" (Haraway, 2016: 35, tradução nossa).

"Essa raiz para 'homo-', utilizo-a para designar o excepcionalismo humano, uma espécie de singularidade do humano, fundamentalmente masculino, independentemente dos acidentes empíricos das pessoas recolhidas para a categoria. É fundamentalmente Euro, independentemente das línguas, etnias e cores das pessoas recolhidas, e basicamente, é um termo colonizador em todas as suas ressonâncias. Deixo o 'homo-' fazer isso. Em contraste, pode-se levar o humano com a mesma facilidade, e de fato, mais facilmente, para a direção do **húmus**, para o solo, para o trabalho multiespecífico, biótico e abiótico da Terra, os terrestres, aqueles que estão dentro e da Terra, e para a Terra. O **húmus** é o que é feito nos solos e no composto, para aqueles que alimentariam a Terra. Portanto, quando digo 'com- post', é mais do que uma piada, embora também seja uma piada. É uma recusa a ser tão sério sobre as categorias, e a deixar as categorias assentarem-se um pouco mais levemente com as complexidades do mundo. Mas '**húmus**' é um termo ao qual estou muito ligada, com o qual fazemos, e tornamo-nos uns com os outros, como no composto. Estamos verdadeiramente com" (Haraway *in* Franklin, 2017: 02, tradução nossa).